

## O USO DO BLOG NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: UMA PROPOSTA SOCIOINTERACIONISTA

Aline Machado da SILVA

*Universidade de Taubaté*

### O USO DO BLOG NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: UMA PROPOSTA SOCIOINTERACIONISTA

#### Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar as novas tecnologias como suporte de ensino de Língua Inglesa, além de caracterizar os gêneros textuais e hipertextos, apoiando-se nas concepções didáticas do interacionismo sociodiscursivo, que postula a necessidade de serem trabalhados gêneros textuais no ensino a fim de mediar a atividade e materializá-la. Os pressupostos teóricos são baseados em Bakhtin (1994); Bronckart (1999); Scheneuwly (1994), e PCN-LE (BRASIL, 1998). O Gênero Textual, ou virtual, escolhido é o *blog*, pelos seguintes aspectos: a) possibilita ao usuário a capacidade de expansão da habilidade de leitura; b) proporciona ao autor e leitor a oportunidade de interação social, e c) insere o discente ao mundo digital, incluindo-o em uma sociedade globalizada e tornando-o participante ativo nas interações sociais. É nesse processo de interação social mediada pelas tecnologias que o processo de ensino-aprendizagem se concretiza efetivamente.

**Palavras-chave:** ensino de língua inglesa; tecnologias digitais; gêneros textuais; hipertexto.

### THE USE OF BLOG IN THE ENGLISH LANGUAGE TEACHING: A SOCIOINTERACTIONIST PROPOSAL

#### Abstract

This paper aims at presenting the new technologies as a tool for teaching English language, as well as to characterize the textual genre and hypertexts, according to the socio-discursive-interactionism, which postulates the need for text genres to be supplied for teaching in order to mediate the activity and materialize it. The theoretical framework is based on Bakhtin (1994); Bronckart (1999); Scheneuwly (1994) and PCN-LE (BRASIL, 1998). It was chosen the textual genre *Blog* for the following reasons: a) to develop reading skills ; b) to provide for both: author and reader the opportunity for social interaction; c) to insert the student into digital world, including him/her in a globalized society, turning him/her active participant in social interactions. In this social interaction process mediated by technologies, the learning process is developed effectively.

**Key Words:** English teaching language; digital technologies; textual genres; hypertext.

### EL USO DEL BLOG EN LA ENSEÑANZA DE LENGUA INGLESA: UNA PROPUESTA SOCIOINTERACIONISTA

#### Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar las nuevas tecnologías como soporte de enseñanza de Lengua Inglesa, además de caracterizar los géneros textuales y hipertextos, apoyándose en las concepciones didácticas del interacionismo socio-discursivo que postula la necesidad de ser trabajados géneros textuales en la enseñanza a fin de mediar la actividad y materializarla. Los presupuestos teóricos son basados en Bakhtin, (1994); Bronckart (1999); Scheneuwly (1994) y PCN-LE (BRASIL, 1998). El Género Textual, o virtual escogido es el *blog*, por los siguientes aspectos a) posibilita al usuario la capacidad de expansión de la habilidad de lectura, b) proporciona al autor y lector la oportunidad de interacción social c) inserta el discente al mundo digital,

36

incluyéndolo en una sociedad globalizada, haciéndolo participante activo en las interacciones sociales. Es en ese proceso de interacción social mediada por las tecnologías que el proceso de enseñanza-aprendizaje se concretiza efectivamente.

**Palabras Clave:** enseñanza de lengua inglesa; tecnologías digitales; géneros textuales; hipertexto.

## 1. INTRODUÇÃO

Até os dias atuais, o ensino de língua inglesa tem-se realizado de maneira descontextualizada, levando o aluno a uma produção artificial de escrita nos diversos níveis do ensino fundamental e médio. Ao fazer esta afirmação leva-se em consideração o sistema educacional público que proporciona uma carga horária semanal reduzida, salas de aula cheias, reduzido número de material didático nesse idioma, fatores que colaboram para que o professor não consiga desenvolver uma prática docente satisfatória, tornando-a sem significação para o seu aluno, pois a mesma é feita de maneira mecânica, com atividades que em momento algum propicia ao aluno uma situação real de uso efetivo da língua inglesa.

Acerca desta problemática em sala de aula, a linguística aplicada tem pesquisado há quinze anos o ensino de Língua Inglesa no âmbito de ensino público e, como referência nesta linha de pesquisa no Brasil, serão tomadas as definições e conceitos de Moita Lopes (1996), que realiza várias reflexões acerca do ensino de língua estrangeira, a partir de agora LE, em escolas públicas de ensino fundamental e médio.

A respeito do ensino de LE, o autor afirma ser indubitável que a qualidade do ensino seja insatisfatória, principalmente por não ser realizado a partir da perspectiva social brasileira, pois muitas vezes o ensino de outro idioma é considerado desnecessário para a formação do aluno inserido em escola pública. Entretanto, o autor defende que somente a leitura parece ser a fonte mais plausível de inserir socialmente o discente brasileiro, pois é a habilidade que lhe será cobrada durante a sua vida escolar e conseqüentemente, o desenvolvimento da habilidade de leitura deve ser privilegiado, para que o ensino de língua inglesa no ensino fundamental e médio atinja sua meta de ter um papel social na vida do aluno.

Devido à falta de importância e efetividade que as aulas de língua estrangeira e relevando o papel social que esta tem na vida e no contexto sócio - histórico do aluno é que surgiu a necessidade de criar novos parâmetros que propusessem novas perspectivas educacionais que auxiliariam no desenvolvimento das aulas. É neste contexto que surgiram os Parâmetros Curriculares Nacionais PCN- LE - (BRASIL, 1998) que postulam que o ensino de língua inglesa deverá ser realizado de forma a conceber a autopercepção do aluno como cidadão e ser humano.

Por esta razão, o ensino de língua inglesa deverá ser centralizado no engajamento discursivo do aluno, em outras palavras, na capacidade do aluno de se engajar discursivamente e interagir no mundo social.

À luz dos PCN-LE, entende-se que a aprendizagem de língua inglesa deve ser realizada de maneira a contextualizar o discente diante o uso da linguagem, bem como os papéis sociais por ela representados. Partindo dessa perspectiva, da interação social entre discentes e o ambiente em que vivem, compreende-se que as oportunidades de aprendizagem desenvolvidas em sala de aula deverão ser embasadas nos gêneros textuais diversos e conseqüentemente nos gêneros virtuais, ou hipertextos.

Para tal proposta, consideram-se as teorias defendidas por Schneuwly (1994), que postula que qualquer atividade é tripolar, ou seja, no caso de uma sala de aula, o professor, o aluno e o objeto de conhecimento, representado pelos gêneros textuais diversos e, considerando o avanço tecnológico que medeia a educação, pelos gêneros virtuais.

Sob a perspectiva dessa noção de prática de ensino de língua inglesa no âmbito do ensino fundamental exclusivamente, que será constituído a proposta desse trabalho, concretiza-se no que diz respeito às práticas pedagógicas um novo conceito de produção do conhecimento, incitando que o trabalho com gêneros textuais, mais precisamente gêneros virtuais como ferramentas para uma ação que permite o agente a agir adequadamente com a linguagem em diversos momentos de modo a interagir socialmente, não sendo excluído do uso de novas tecnologias, principalmente no que se diz respeito ao uso frequente dos computadores e que segundo Crystal (2001), a comunicação mediada por computador tem sido de grande influência linguística atualmente.

Por esta razão, este artigo tem como objetivo apresentar novas tecnologias como ferramenta de ensino-aprendizagem de língua inglesa

Acredito que este estudo seja pertinente tanto para os alunos em pré-serviço, como para professores de língua inglesa que já estejam atuando para que as novas formas de tecnologia sejam vistas como uma ferramenta de ensino- aprendizagem desse idioma bem como para inserirmos o aluno com novas perspectivas mediáticas, essenciais para o desenvolvimento no mercado de trabalho e interação no mundo globalizado.

Para tal recorreremos aos teóricos que embasarão esse estudo como Bakhtin (1994), Dolz e Schenewly (2004), oriundos da convenção de Genebra e Bronckart (1999).

O presente estudo é organizado de forma a esclarecer conceitos como gênero textual, hipertexto e o gênero virtual blog, que constitui o objeto de pesquisa apresentado neste artigo.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em primeiro lugar conceituaremos gêneros de acordo com Bakhtin (1994) que defende a ideia de que em todas as atividades da esfera humana, por mais diversificadas que sejam, são mediadas pelo uso da linguagem, linguagem esta diversificada como as próprias atividades humanas. Neste contexto, temos a seguinte definição:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 1994, p.279).

Em outras palavras, essas características apresentadas configuram diferentes gêneros de texto, que podem ser concebidas por três aspectos básicos existentes concomitantemente: o assunto, a estrutura e o estilo.

Em contrapartida, Dolz e Schneuwly (2004) defendem a ideia de gênero como uma ferramenta, um instrumento para o desenvolvimento da linguagem e embasando-se nas palavras de Marx e Engels (1969), “A apropriação não é senão o desenvolvimento das capacidades individuais correspondentes aos instrumentos materiais de produção [...]”. Desta forma, os gêneros são os instrumentos usados para a materialização e o uso da linguagem.

Por outro lado, Bronckart (1999), postula que, em gêneros textuais, parte-se da noção de texto para explicar o conceito. Em sua concepção, toda e qualquer produção de linguagem oral e escrita, pode ser definida como texto e esse texto está inserido em um contexto. Dessa forma, mantém uma relação de interdependência com as propriedades daquele. Em outras palavras, cada texto mantém métodos de textualização e métodos enunciativos capazes de assegurar sua coerência interna. Para ilustrar esta definição, fariam parte deste conceito os diálogos familiares, uma explicação de caráter pedagógico, um romance, entre outros.

Para Bronckart (1999), o conceito gênero textual reforça a relação entre o texto e o contexto em que circula:

[...] na noção de gênero de texto no decorrer deste século, e, mais particularmente a partir de Bakhtin, essa noção tem sido progressivamente aplicada ao conjunto das produções verbais organizadas: às formas escritas usuais (artigo científico, resumo, notícia, publicidade, etc) e ao conjunto das formas textuais orais, ou normativas, ou pertencentes a linguagem ordinária (exposição, relato de acontecimentos vividos, conversação, etc). Disso resulta que qualquer espécie de texto pode atualmente ser designada em termos de gênero e que, portanto, todo exemplar de texto observável pode ser considerado como pertencente a um determinado gênero. (BRONCKART 1999, p. 73).

Já Marcuschi (2002), defende que o conceito de gênero é uma noção propositalmente vaga para se referir aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Portanto, ao definir o que são gêneros textuais, devemos levar em consideração a interação entre pessoas em um determinado contexto social, interagindo em diversas esferas da sociedade, que não se ocupam especificamente de um único gênero textual, mas sim de muitos. Devido a esta peculiaridade é que se torna necessária a clara definição do conceito gênero textual, fazendo-se necessária também a diferenciação entre gênero textual e tipologia textual.

## 2.1 TIPOS E GÊNEROS TEXTUAIS

No contexto escolar, atualmente a terminologia tipo textual vem sendo usada erroneamente pelos seus usuários. De acordo com Marcuschi (2002), há uma clara diferença entre tipo textual e gênero textual e devido a isso há um ensino de maneira equivocada dos gêneros em escolas, que sendo confundidos com tipos de textos apenas são desenvolvidos em sala de aula os aspectos estruturais inerentes ao texto, não explicitando a função social que cada gênero possui.

Para justificar tal posição, Marcuschi (2002, p.24) argumenta que a definição dada aos termos utilizados é de caráter mais operacional do que formal. Desta maneira, adotamos para a noção de *tipo textual*, a identificação de *sequências linguísticas típicas*, como forma de nortear a respeito do texto e para explicar sobre gênero textual, adotamos a noção de que há a predominância dos critérios de ação prática, circulação sócio- histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade.

Ao tratar erroneamente o termo “tipo de texto”, quando na realidade desejamos trabalhar gêneros textuais, essa situação nos leva a uma concepção arcaica e deturpada dos conceitos estabelecidos durante anos na vida acadêmica, que de certa maneira alcunhou-se nos modelos de ensino durante anos. Para exemplificar, quando uma pessoa diz que uma carta comercial é um tipo de texto formal, esta pessoa está empregando de forma errônea o termo “tipo de texto”, pois esta “carta comercial”, assim como o memorando, a bula de remédio, a receita de bolo, o artigo científico, a resenha, o resumo, entre outros, são todos considerados gêneros textuais. Portanto, uma carta comercial sobre uma reclamação de um produto enviado por engano pode conter uma sequência narrativa, visto que é necessário contar sobre o fato incidente desde o início das negociações, uma argumentação já que é necessário questionar sobre o fato ocorrido e possivelmente uma descrição, já que a especificação do material é indispensável a este tipo de negociação.

Por esses motivos, Marcuschi (2002) defende a ideia de que um tipo textual é dado por um conjunto de traços que formam uma sequência e não um texto.

Em suma, podemos dizer que o processo de coesão textual está atrelado a essas inferências, às habilidades de realizar esta tessitura de sequências tipológicas, como uma armação de base, ou seja, base estrutural de um texto e como tais, os gêneros textuais são como armadura comunicativa geral preenchida por diversas sequências tipológicas que podem ser heterôneas, mas que se relacionam entre elas. Nas salas de aulas, quando os textos são nomeados como “descritivo”, “argumentativo”, ou “narrativo”, não estão sendo nomeados os gêneros, mas, sim, as sequências de base dos textos. Em síntese, em um gênero textual, podemos encontrar características de vários tipos de textos. Desta forma, trabalhar a capacidade do discente de identificar os gêneros textuais, reconhecendo as suas características predominantes em relação aos conteúdos, sua composição, estilo, propósitos e nível linguístico, levará o aluno a dissociar a ideia de que gêneros são considerados somente os literários e que tipos textuais são considerados somente os formais e informais.

De acordo com esta distinção realizada por Marcuschi (2002) entre tipo e gênero textual tem trazido à tona a importância do gênero textual quanto ao seu valor sociocultural, pois para a socialização, a inserção do aluno na sociedade por meio da linguagem escrita, torna-se ferramenta fundamental. A partir deste ponto, podemos considerar que toda produção de texto envolve uma determinada ação de linguagem em que é situada social e historicamente e influenciada no contexto. Portanto, defendemos a hipótese de que o processo de ensino – aprendizagem de LE deve ser embasada no trabalho com gêneros textuais diversos, inclusive os veiculados pela

internet, pois através deste trabalho, novas perspectivas sobre o uso da linguagem serão ampliadas o que contribui para a compreensão das inúmeras situações de ação da linguagem associadas aos gêneros textuais, e conseqüentemente aos gêneros virtuais.

Desta forma, o estudo de gêneros textuais na escola como objetos do processo de ensino-aprendizagem podem, conforme defendido por Marcuschi, criar meios, condições para a construção de conhecimento, bem como o amplo desenvolvimento das capacidades linguístico-discursivas, essenciais não só para as práticas de linguagem em sala de aula mas também para a prática de linguagem inserida na sociedade.

Para tal, o uso de gêneros textuais também é defendido na mesma proporção por Cristovão (2001) que aponta esta adoção do uso de gêneros textuais no ensino é baseada no interacionismo sociodiscursivo de Bronckart (1999), que postula a necessidade de ferramentas para o ensino de línguas, a fim de mediar a atividade e materializá-la. De acordo com esta visão, uma vez transformadas as ferramentas transforma-se também a atividade, o que justifica a inclusão dos gêneros veiculados na internet, como chats, e-mails e blogs, como uma forma de tornar o uso da LE em sala de aula mais contextualizada e com uma função social estabelecida.

## 2.2 NOÇÕES DE HIPERTEXTO

Com a democratização do advento da internet, criaram-se novas definições em relação aos textos veiculados na *web* e a forma de lê-los. Contudo a definição e estudo das tecnologias são de suma importância visto que, tanto o mundo quanto a escola, passam por este processo de modernização e estar ciente das novas tecnologias e inseri-las no campo educacional é essencial, devido ao uso intenso de tecnologias de comunicação, especialmente do hipertexto na Internet e ao acesso que cada vez mais se populariza, incluindo os alunos que têm mais afinidade com essas tecnologias do que muitos docentes, o que torna considerável a inserção desses meios para melhor atender a clientela estudantil.

Neste processo de tecnocracia, considerada a nova ordem mundial que preconiza a hegemonia da globalização, e do avanço tecnológico é que surge de acordo com Xavier (2005), a termo Hipertexto. Ainda sob a elucidação do termo Hipertexto por Xavier, o autor conceitua essa nomenclatura como “um formato de texto sobre o qual os discursos doravantes deverão se (hiper) textualizar.”, ou de forma mais concisa:

Por hipertexto entendo ser uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade. (XAVIER, 2005 p. 171)

Considerando esta posição do autor, podemos inferir na definição de Bakhtin (1994) de que “os gêneros não são inovações absolutas”, mas sim uma ancoragem de gêneros já existentes. É o que Bakhtin define como transmutação dos gêneros. Essa definição é verdadeiramente constatada pelos hipertextos, que em sua maioria derivam de gêneros textuais já existentes como exemplos o *e-mail* que teve sua origem embasada no gênero carta pessoal e até mesmo os populares *blogs* que oriundam do diário pessoal, do registro sobre o dia e sobre si mesmo.

O entendimento desse novo processo de comunicação tanto por parte docente como por parte discente é imprescindível para a inserção social nesta nova forma de relações sociointeracionistas, pois a partir deste contexto atual é necessária a nova aprendizagem da leitura e da escrita referentes ao hipertexto, que se posiciona como futuro mediador das relações entre sujeitos na “sociedade da informação”, sociedade esta que insere uma tecnologia de linguagem e interação social que torna o mundo uma aldeia global e os meios de comunicação, uma mera extensão do homem.

Considerando o mundo como “acessível” a partir de qualquer computador conectado à Internet, o ensino de LE, tendo como ferramentas os gêneros textuais digitais e as novas tecnologias, torna-se mais significativo, visto que o poder de interação social e o uso efetivo da língua se tornam mais concretos, pois com um único acesso pode-se contatar outra pessoa em um país diferente, em que os laços sociais vão se ampliando e o discente a partir deste fato, tem a oportunidade de se posicionar criticamente diante de sua cultura e de novas, além de desenvolver e adquirir novo repertório linguístico, mediado pelo computador.

Através desta nova tecnologia da comunicação, a inserção de hipertextos nos sistemas comunicacionais bem como educacionais, surge também um outro conceito de leitura que embasado nas palavras de Freire (1986, p.11), é definido que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade de leitura daquele”. Com essa definição, podemos concluir que a leitura não é feita a partir de palavras isoladas de um mundo referencial, mas sim a partir de uma leitura de mundo, em que o leitor se contextualize e que haja real significado para ele. Desta forma é realizada a leitura de hipertextos, não por palavras isoladas, mas pelas possibilidades de leituras que este novo gênero propicia, pois o mesmo não é constituído apenas por palavras, mas sim por sons, imagens, gráficos, o que faz

com que o leitor tenha uma leitura interativa, tendo autonomia de buscar informações que considere significativas para seu aprendizado, ou seja:

[...] na esteira da leitura do mundo pela palavra, vemos emergir uma tecnologia de linguagem [...] que não é apenas composta por palavras, mas junto com elas encontramos sons, gráficos, diagramas, todos lançados sobre uma mesma superfície perceptual, amalgamados uns sobre os outros formando um todo significativo e de onde os sentidos são complexivamente disponibilizados aos navegantes do oceano digital". (XAVIER, 2005, p.171)

Por seu caráter dinâmico, o hipertexto tem a possibilidade de tornar o seu leitor em um cidadão amplamente envolvido com as principais discussões em curso no mundo ou fazê-lo ter apenas uma visão geral dos fatos que o cercam. Para tanto, o hipertexto exige mais de seu leitor do que mera decodificação, pois é necessário que o mesmo exercite sua posição reflexiva diante das informações que tem acesso para que sua leitura tenha significação completa, além de ampliar a percepção de si diante do mundo.

Outra especificidade inerente ao hipertexto é a capacidade de ser pluritextual, ou seja, a possibilidade de veicular textos verbais e não verbais ao mesmo tempo, o que viabiliza a inserção de diferentes suportes sógnicos em uma mesma superfície de leitura, como sons, imagens, ícones animados, diagramas, entre outros. Esta fusão de diversos recursos de linguagem em um só texto, acessíveis e utilizáveis ao mesmo tempo e inseridos em um mesmo ato de leitura, provoca um construtivo e grande impacto cognitivo no processamento da leitura. É nesse ambiente considerado intersemiótico, que a atividade de leitura e compreensão se concretiza em sua amplitude, visto que todos esses recursos midiáticos bem estruturados e devidamente interrelacionados, o leitor/usuário será beneficiado por estas interfaces comunicacionais, pois elas cooperam para fazer fluir de maneira objetiva a compreensão.

Ao abordar uma das características do ensino de LE, preconizadas pelos PCN-LE (BRASIL, 1998), que consiste na leitura, o uso de hipertextos em sala de aula se faz necessário visto que o mesmo proporciona ao leitor uma leitura sinestésica, ou seja, uma leitura multisensorial, visto que uma das principais características do hipertexto é a capacidade de atrelar em um só texto outros signos que não seja apenas a palavra escrita, o que o torna mais atraente ao seu leitor.

Em meio a esta leitura sinestésica, que é propiciada pelo acondicionamento de diversas formas de textualização de ideias superpostas e intra-relacionadas em um mesmo suporte físico (o hipertexto), que se otimiza a capacidade do discente de compreensão de ideias, sobre conceitos, atitudes explicitadas pelos sujeitos produtores de discursos pluritextuais, cuja percepção e expressividade tende a aumentar e com ela o nível de conclusão e análise, ou em outras palavras,

em um ambiente em que o aluno tenha contato com diferentes opiniões, com diversas informações a respeito do mundo, faz com que ele aumente sua capacidade de explicitação, de argumentação, de posição crítica e reflexiva diante de dados propostos por outrem, o que contribui para a sua posição diante do mundo como sujeito pensante e atuante, possibilitado através da utilização cada vez mais intensa dos recursos informáticos pluritextuais, e conseqüentemente com a facilidade de compreensão e argumentação, o aluno sentir-se-á mais estimulado à participação e ao engajamento no processo de comunicação e apreensão de significado cuja colaboração origina-se no hipertexto, que conta com outros meios simbólicos que não apenas o linguístico para concretizar seu intento de leitura.

Contudo, o ensino de língua inglesa apoiado no hipertexto como ferramenta torna-se de grande importância, visto que engloba vários aspectos defendidos pelos PCN-LE, tais como: socialização do discente, formação crítico-reflexiva, posicionamento diante do mundo, aprimoração da capacidade leitora e produtora de discursos, e em ambiente digital, o *Blog*, como gênero virtual é o local em que o aluno pode desenvolver todas essas capacidades apresentadas acima.

### 2.3 GÊNERO VIRTUAL BLOG

A utilização crescente do computador e da internet, fez com que os gêneros textuais existentes se adaptassem a esse novo meio de propagação de comunicação e com isso surgiram novas versões dos gêneros já conceituados, o que torna o papel da linguagem de suma importância, visto que as práticas linguísticas veiculadas na internet são, segundo Marcuschi (2002, p.5) fundamentalmente baseadas nas atividades escritas. Considerando esta perspectiva de Marcuschi, apresentaremos a definição de *blog*, já que sua prática consiste em escrita sobre você mesmo.

O termo *Blog* corresponde a uma corruptela de *weblog*, uma expressão que tem como correspondente em língua portuguesa "arquivo de rede". Seu surgimento data de 1999 com o surgimento do software Blogger. O *Blog* fora criado como uma opção popular para a publicação de textos on-line, já que esta ferramenta dispensava o conhecimento avançado em informática. Com a simplicidade em atualizar e manter os textos em rede, esse aspecto foi decisivo para a difusão desta ferramenta considerada ferramenta de autoexpressão além de possuir as características básicas inerentes ao hipertexto, ou seja, a capacidade de articulação de múltiplas semioses, a exemplo dos textos escritos como sons, imagens, animações. Este software permite a criação de uma página pessoal em que seus documentos possam ser atualizados no momento que o usuário deseja e dispensa o conhecimento aprofundado sobre computação.

A ferramenta *blog* foi desenvolvida, segundo Evan Willians, um de seus idealizadores, para a criação de “diários virtuais” online. Com uma definição mais concisa, temos a seguinte explicitação:

Weblog é um diário virtual, onde você poderá disponibilizar pensamentos, ideias e tudo o que você imaginar na internet. [*Weblogger* Brasil - <http://weblogger.terra.com.br>]

Considerando ambas as definições, na primeira, podemos concluir que todos os escritos poderão apenas ser lidos pelos que possuem acesso à internet. Já no segundo enunciado, nos permite a interpretação de que o diário virtual, disponibiliza todas as ideias e pensamentos do escrevente ressaltando a expressividade da ferramenta *Blog*.

Para tal, Komesu (2005) defende que o *blog* é um espaço em que o escrevente pode expressar o que desejar na atividade de sua escrita, com a possibilidade de escolha de imagens e sons que compõe o todo do texto veiculado pela Internet, além de permitir ao escrevente a rápida atualização e a manutenção dos escritos em rede, possibilitando também a interatividade com os leitores dessas páginas pessoais, pois as mesmas permitem que o leitor deixe um comentário sobre o assunto apresentado no *blog*.

A interatividade em blogs é uma característica muito peculiar, considerando que no momento da escrita há a relação entre produtor do texto e a ferramenta utilizada para a escrita (computador), bem como a relação com outros possíveis leitores, já que os textos serão publicados na Internet, que desconhece os limites geográficos, expandindo-se por todo o planeta, permitindo o acesso a esses escritos pessoais em diferentes partes do globo.

Na esfera do advento da Internet, outra peculiaridade a ser considerada é a intertextualidade inerente aos *blogs*, pois sua utilização condiciona novas formas para a escrita e leitura de páginas hipertextuais, que através de *links*, textos escritos, sons e imagens podem ser associados de uma maneira não linear num “mundo textual sem fronteiras”, visto que essas ligações virtuais podem ser realizadas ilimitadamente. (Chartier, 1997). De acordo com esta definição de interatividade e intertextualidade, estas minúcias são evidenciadas nas produções de relatos pessoais veiculados de forma pública na Internet, pois não se tratam de segredos pessoais, que constituíam os antigos diários tradicionais, mas sim de redações que devem e são produzidas para o compartilhamento aberto. Já a intertextualidade torna-se explícita, nos mecanismos dos links das páginas hipertextuais, pois funcionam como ponte para um novo texto, uma nova informação que tenha algum sentido em relação ao relato pessoal, permitindo ao leitor uma ampliação de

informações, pois em ambiente virtual, uma informação está sempre ligada a outra, possibilitando inúmeras possibilidades de leitura, além de acrescentar novas informações ao universo do discente ou usuário.

Contudo, ao considerarmos seu fácil acesso, a dispensa de conhecimentos técnicos, seu alto poder interacionista, seu uso em sala de aula como suporte para a prática discursiva em língua inglesa se torna viável, para a contextualização, aprendizagem colaborativa, uso efetivo da língua, bem como o posicionamento crítico-reflexivo do aluno conforme postulam os PCN-LE.

## 2.4 O BLOG E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Atualmente, de acordo com Buzato (2001), a alfabetização eletrônica juntamente com o advento da internet, vem sendo utilizado com maior frequência e gradualmente está substituindo o espaço reservado às formas tradicionais de leitura e produção de textos. Por esta razão, a inserção de *blogs* no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa faz-se coerente considerando o contexto virtual em que a maioria das páginas utilizam o inglês como idioma padrão e por esta razão justifica-se o uso desse gênero textual emergente, que proporciona ao aluno a oportunidade de valorização do uso eficaz da língua inglesa mediado pelo computador e respeitando o contexto em que se encontra o aluno brasileiro .

Como definido anteriormente, o significado de *blog* está atrelado às práticas de escrita e leitura pessoais, em que o autor expressa suas opiniões, ideias, sentimentos, enfim, o que ele achar conveniente publicar, além de possibilitar a interação, o diálogo entre usuários, já que a ferramenta possibilita que outras pessoas postem comentários sobre o assunto que leu. Neste contexto digital, por diálogo podemos concluir, segundo Moore (1993), que é um termo utilizado para descrever o ato de interações entre participantes, com caráter positivo e um propósito construtivo. Ao considerar esta abordagem relacionada com o *blog* podemos inferir que ao se tratar do ensino de língua estrangeira, a utilização dos Gêneros Textuais veiculados na Internet, que possibilitam a construção do diálogo são considerados suportes linguísticos ideais para o desenvolvimento da comunicação real em língua inglesa.

O principal fator que implica na escolha do gênero textual *blog* é a possibilidade de interação entre os interlocutores, que defendida por Vygotsky (1998), beneficia o processo de aprendizagem e colabora significativamente para a construção de conhecimento, neste caso, no processo de aquisição da língua inglesa, pois as noções de aprendizagem e ensino que são embasadas na concepção sócioconstrutivista, são concebidas como processos sociais mediados

semioticamente pela linguagem, que através dela, os indivíduos com referencial cognitivo diferenciado interagem e se desenvolvem mutuamente. É nesta ocasião que ocorre o uso significativo da língua inglesa, devido à oportunidade que o aluno de ensino fundamental tem de obter a prática de escrita em língua estrangeira bem como a prática de leitura, o que acarreta em desenvolvimento linguístico, em que o discente obtém a desenvoltura comunicativa diante uma língua estrangeira. Entretanto, para definir o ensino de língua inglesa mediado pela Internet é necessário, segundo Warschauer (2000), que se tenham projetos definidos de acordo com a experiência prévia do aluno, levando em consideração as necessidades e interesses deste e quando possível, devem estar envolvidas neste projeto a comunicação eletrônica e o incentivo para que o processo de ensino- aprendizagem ocorra em sua plenitude.

Sob esta perspectiva, desenvolver aulas de língua inglesa mediadas pelas tecnologias digitais deve-se levar em consideração o contexto histórico em que o aluno se encontra, as possibilidades de uso de língua inglesa de forma real e não descontextualizada e qual a situação de uso do idioma, se este conceberá ao discente a oportunidade de utilização do idioma de forma a construir seu conhecimento linguístico e enfatizar as situações sóciointeracionistas em que o aluno seja inserido em um ambiente no qual possa interagir crítica e reflexivamente, atuando e interferindo no meio em que vive.

Para tal, o uso de *blogs* permite que o aluno expresse em inglês seu cotidiano, parte de sua cultura, o que está inserido em sua comunidade, participando a todos que o acessem qual é a linha de pensamento do autor, o que o influencia culturalmente, qual a sua posição diante de fatos que ocorrem ao seu redor, e este ponto inserido em sala de aula, permite a troca de conhecimentos entre os alunos e pessoas participantes de outras comunidades com um contexto social diferente da do aluno, possibilitando- lhe a melhora do conhecimento de mundo.

Ao abordar este projeto em sala de aula, é preciso definir o que será trabalhado no aspecto funcional da língua. Como a proposta deste artigo atinge alunos de escola pública de ensino fundamental, a princípio o principal objetivo é antecipar o entendimento de textos em inglês através da leitura não só de textos, mas também de imagens, títulos, fotos entre outros aspectos interativos que o *blog* apresenta. Ao considerar como principal objetivo a leitura de textos e imagens a partir da língua inglesa, levamos em consideração a proposta de ensino defendida pelos PCNs- LE (1998), que enfatiza que o aluno deverá ser capaz de ler e compreender textos em inglês. Outro aspecto possível para se trabalhar no blog são os aspectos gramaticais, enfatizando o ensino nos dois tempos verbais básicos: simple present e simple past, além de classes de palavras como advérbios, conectivos, adjetivos e substantivos.

Ao inserir os aspectos funcionais da língua inglesa no gênero textual blog, o aluno percebe e conscientiza-se a respeito do uso da língua, pois o discente acompanha a estrutura da língua e como ela se dá em situação real de uso.

Exemplo (01)

*Friday, 11 December 2009*

[Comment on this entry](#)

***Are you a part of the problem, or part of the solution?***

*Hi everyone!*

*It's good to be here to write again. Last April, when I was the 'blogger of the month', I could not write as much as I wanted. I felt bad about it. And I missed to write and share ideas here. I apologize.*

*Now I'm here again. Thank you to BBC LE Staff.*

*This week we are watching on TV, reading newspapers and news on the internet, or listening comments on the radio about COP15. People from all the world are discussing the climate change and the role of the governments to reduce carbon emissions.*

*But we have to do our part. We have to think about the way we are living, how the things we do affect the environment, and what we can do to stop the climate change.*

*I suggest you to answer some simple questions to have an idea of the legacy you are leaving on the planet. Just click on the link below to know if you are a part of the problem, or part of the solution.*

*After answer the questions, leave a comment!*

*Good luck!*

*Marcos Martins Santos, from Brazil.*

*posted at 23:19 | [comment on this post](#)*

Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/worldservice/learningenglish/communicate/blog/student/index.shtml>

Neste exemplo de blog em inglês, podemos perceber seu caráter interacionista, visto que o autor é brasileiro. Outra característica inerente ao gênero virtual blog é o espaço delimitado para os comentários, neste caso “comment on this post”, item que possibilita ao leitor dialogar com o autor e explanar suas opiniões a respeito do que foi postado. Além disso, o aluno pode inferir através dos conhecimentos adquiridos em sala de aula sobre os aspectos funcionais da língua e

pereceber qual a sua colocação diante uma ocasião em que a veracidade da utilização da língua ocorre, contribuindo assim para a concretização e ampliação do arcabouço linguístico do discente, dando-lhe a oportunidade de inserção na sociedade que atualmente se encontra interligada pelas tecnologias digitais.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar o ensino de língua inglesa a partir de novas tecnologias atualmente é de grande relevância, visto que nos encontramos em um mundo globalizado e interligado através da Internet, o que permite que qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo possa se comunicar com outra com apenas um acesso.

No âmbito da educação, especialmente no que diz respeito ao ensino de línguas, considerar este fato, que vivemos em um mundo globalizado, modifica toda uma concepção de ensino que prevalecia há alguns anos, concepção esta que não preconizava o uso da língua como forma de desenvolvimento social e como formação de alunos crítico-reflexivos e que era realizada de fora mecânica, sem situação real de comunicação.

À guisa do desenvolvimento tecnológico e social que a humanidade está vivenciando hoje, este artigo pretendeu apresentar uma nova proposta de ensino de línguas estrangeiras, precisamente o inglês, em que consiste na utilização de recursos tecnológicos como o computador e o acesso à Internet, apoiados na produção e leitura de gêneros textuais, precisamente o *Blog*, considerado gênero digitais que contribui para a promoção da interação social que possibilita o desenvolvimento crítico-reflexivo do aluno, além de contribuir para a aquisição concreta de conhecimentos, que partilhada com outros, torna-se mais significativa e conscisa para o discente, além de propiciar ao aluno a inclusão digital, fator que favorece a inserção do indivíduo na sociedade, tornando-o um ser participativo, atualizado e consciente dos fatos que o cercam, possibilitando-lhe também a oportunidade de comunicação com outras pessoas apoiando na língua inglesa, que através do processo de globalização é considerada uma língua mundial, transformando o indivíduo em um leitor proficiente e em um produtor de textos.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Martins Fontes: São Paulo, 1994.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução Anna Rachael Machado. São Paulo: Edu, 1999.
- BUZATO, M. E. K. *O Letramento eletrônico e o uso do computador no ensino de língua estrangeira: Contribuições para a formação de professores*. Dissertação de Mestrado. Unicamp. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2001.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.
- CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. *Gêneros e ensino de leitura em LE: os modelos didáticos de gêneros na construção de avaliação de material didático*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.
- CRYSTAL, David. *Language and Internet*. Cambridge University Press, 2001.
- DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Mercado das Letras: Campinas, 2004.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo. Cortez. 1986. p.11.
- KOMESU, F.C. Blogs e as Práticas de Escrita sobre Si na Internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio, XAVIER, Antônio Carlos (Org.). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- MARX, K. e ENGELS, F. *Deutsche Ideologie*. Berlim, Dietz Verlag, 1969.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- MOORE, M.G. Theory of transactional distance. In: KEEGAN, D. (Org.). *Theoretical principles of distance education*. London and New York: Routledge, 1993.
- SCHNEUWLY, B.. Genres et types de discours: Considérations psychologiques et ontogénétiques. In: REUTEUR, Y. (Org.). *Les interactions lecture-écriture*. Berna, Peter Lang S.A., 1994.
- YVOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.
- WARSCHAUER, Mark. *The changing global economy and the future of English Teaching*. Tesol Quarterly, 2000.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, Texto e Hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

**Aline Machado da SILVA**

Possui graduação em Letras pela Faculdade Anhanguera de Taubaté (2009) e Especialização em Leitura e Produção de Gêneros Discursivos pela Universidade de Taubaté – UNITAU (2010).